

AUTORITARISMO NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Nea de Castro (FURG)

RESUMO¹: Este estudo da produção de Affonso Romano de Sant'Anna buscando caracterizar as constantes indagações do poeta sobre a linguagem poética e o papel social da poesia. Pertencente à Geração de 60, ele passou pelo concretismo, e a seguir pela poesia engajada do primeiro *Violão de rua* (1962). Depois, veio a produção "neo-retórica" de *A grande fala do índio guarani* (1978), entre outros. Em *O lado esquerdo do meu peito* (1992) (que foi seguido por *Textamentos*, de 1999) busca, em tom cinza, novos sentidos, em meio ao esgarçamento das utopias

PALAVRAS-CHAVE: Affonso Romano de Sant'Anna – engajamento - poesia – papel social – utopia

Agora que o texto já foi o perverso nada e o inverso tudo
como ler a poesia
que se anuncia
como a poesia de agora?

(*A grande fala do índio guarani*
- Affonso Romano de Sant'Anna)

Minha investigação sobre a poesia de Affonso Romano de Sant'Anna faz parte do projeto "As relações entre o engajamento poético e o cânone da poesia brasileira contemporânea, que abarca ainda as produções de Lara de Lemos e José Paulo Paes. Esta pesquisa sobre os três poetas relaciona-se ao "Projeto Integrado Autoritarismo e Literatura", coordenado pela profa. Dra. Rosani Umbach (UFSM). (No início, o projeto teve como coordenador nosso colega de GT, Jaime Ginzburg (USP), que continua como um de seus membros).

¹Este artigo – em que fiz modificações - surgiu inicialmente como uma palestra na I Jornada de Literatura e Autoritarismo (UFSM), promovido pelo Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo, com apoio do CNPq, em 18 a 20 de agosto de 2001, em Santa Maria (RS).

A escolha de Sant'Anna como integrante do corpus se deve a uma trajetória marcada por constantes metamorfoses, por indagações sobre a linguagem poética e o papel social da poesia, desde a publicação do primeiro livro, *Canto e palavra*, em 1965. Minhas reflexões não incluem ainda Textamentos (1999), que o próprio autor caracteriza como parte de seus diálogos com a maturidade, junto com *O lado esquerdo do meu peito* (1992) (cf. RODRIGUES & MAIA, 2001: 101).

Pertencente à Geração de 60 (cf. LYRA, 1995), Sant'Anna chegou a *Canto e palavra* já com duas experiências de ação político-cultural: sua inserção no grupo de vanguarda concretista da revista *Tendência*, de Belo Horizonte, cidade onde nascera em 1937; e o engajamento na poesia participante expresso pelo inclusão de seus poemas, junto com os de José Paulo Paes e os demais autores, no primeiro *Violão de rua* (1962). Um deles, intitulado *Outubro* (p. 15-17) - em que ressoa a Revolução de Outubro responsável pela formação da antiga União Soviética - mostra a combinação entre o lapidarismo alcançado pelo exercício concretista e o empenho social, a adesão à utopia, como se pode ler em sua segunda parte:

Quando outubro
caso saibas
ou não saibas, general,
o homem
– que não vês
já tem na mão
a arma – que ele fez

e sabe que outubro é quando
a lisonja tem suas bocas
e cria palavras dúbias
sobre os tímpanos do povo,

por isso que, quando outubro,
todo cuidado é pouco:
dou três toques no meu sino
e mando chamar meu povo.

Nos inícios de Sant'Anna, junto com seu empenho formal, constato aquilo que Benedito Nunes designa como “a crença na virtude transformadora da palavra poética” (cf. 1991), uma espécie de fé, poder-se-ia dizer, na sua eficácia social. A relação é afirmativa entre palavra e história, palavra e utopia. Ao longo de sua carreira, porém, a obra infiltrada pela eternidade, pelo tempo que “é punhal, sem cabo e

ponta, / triângulo da dissolução / campânula e redoma / e calendário da emoção” (em “O mito”, de *Canto e palavra*, em *A poesia possível*, p. 65-69) iria se abrindo a novos horizontes. Sant’Anna preparou-se em *Poesia sobre poesia* (1975) para superar suas experiências na arte engajada e concretista, como se vê nestes versos de “A morte cíclica da poesia , o mito do eterno retorno e outros problemas multinacionais” (p. 47-57):

E aturdido e sem resposta,
Como o mais vivo
Dos poetas mortos, feita a odisséia do Nada, assento-me ao pé das fogueiras acesas e ouço a
[voz cansada dos guerreiros:
Que edad tenías tu, mi querido amigo, cuando vinieron los persas?
E recordando o tempo em que poesia havia
Recebo os emissários do Rei que batem em minha porta [e eu na porta alheia
e o outro na do outro: morreu a poesia! Atravessem o Mar Vermelho! fujam do Faraó!
E já inocente e já culpado e, por fim, exorcizado
De tamanha purgação
Me afasto lúcido e exausto deste estranho funeral.

Sant’Anna pesquisava novas temáticas e novas formas, capazes de viabilizar sua condição de intelectual crítico e combativo num país controlado então pela ditadura militar. Assume a linha de uma poesia “neo-retórica”, de linguagem “lírico-dramática- narrativa, com o traço da eloquência e da impoção didática, expressa em poemas de longo fôlego” (NUNES, 1991:181), como se encontra desde *A grande fala do índio guarani* (1978); depois, em *Que país é este?* (1980); e *A Catedral de Colônia e outros poemas* (1985). Nessa etapa se define pelo verso largo, espraído, como no longo poema “A grande fala do índio guarani” (do livro homônimo, em *A poesia possível*, p. 235-313):

Numa epístola anterior
Jogando a pedra da *poesia sobre poesia*
alheia e envidraçada
eu prevenira que meu verso já se estava derramando.

Dessa poética do derramamento não estão banidas, contudo, as experiências com o significante da etapa concretista, incorporadas agora a uma necessidade caudalosa de expressão, como se vê no mesmo poema:

Hoje nos debelamos
pelos campos arfantes infantes a sufoc AR

A desand AR

A descans AR

Devido a suas reflexões sobre a linguagem e a finitude, Sant'Anna pode ser situado muito próximo, ressalvadas especialmente as diferenças de dicção, ao Carlos Drummond de Andrade no qual se irmanam o poeta público e o que reflete sobre a linguagem e a condição do poeta. No plano temático há uma outra afinidade: a poesia de Sant'Anna se caracteriza pela reflexão sobre o tempo, contraposto sempre ao contingente, enquanto em Drummond o tempo espreita através da memória. Entretanto, há uma diferença significativa, que a poesia de Sant'Anna dos anos 80 torna notória: no diálogo com as matrizes européias, o poeta forte (cf. BLOOM, 1991), Drummond, não pôde completar o processo antropofágico; já aquele que o reivindica como pai poético e o deslê leva aos últimos limites a identificação tribal, precursora da ótica pós-colonialista, num mundo que se globaliza sobretudo a partir dos anos 60. No comentário de Donald Shüler sobre o poema "A Catedral de Colônia", o poeta se encontra com se encontra com a origem de seus conflitos ao buscar suas origens na Europa: "A boca devoradora cede o lugar aos olhos críticos" (1991:11).

Em diálogo com as novas realidades históricas, Sant'Anna se afastou do tom neo retórico, que sua produção assumiu na primeira parte da década de 80. Em *O lado esquerdo do meu peito* busca novos sentidos na era pós-moderna, em que as utopias parecem ter chegado ao fim. O universo do poeta agora é em tom cinza. Para ele é possível usar, também, a expressão "melancolia discreta" que Paulo Rónai aplica a Lara de Lemos (1990:12). Dessa abertura a vozes dissonantes, perscrutadoras, hesitantes da última safra do poeta, é exemplar "As utopias" (p. 89-90):

Utopias

são facas
de dois
gumes:
num dia
dão flores,
noutro
são estreme.
(...)
mais que dilema
bigume:
estrela
e negrume,
trapolim
e tapume

ou fênix implume,
nenhuma
imagem
as utopias
resume.
As utopias
são facas
de três gumes.

OBRAS CITADAS

- BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LYRA, Pedro (Org.). *Sincretismo: a poesia da Geração de 60: Introdução e antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks, Fundação Rioarte; Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995.
- NUNES, Benedito. “A recente poesia brasileira”, *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 31, p. 171-182, 1991.
- RODRIGUES, Claufe & MAIA, Alexandra. *100 anos de poesia: um panorama da poesia brasileira no século XX*. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001.
- RÓNAI, Paulo. Prefácio. In: LEMOS, Lara de. *Águas da memória*. São Paulo: Massao Ohno, 1990. P. 11-12.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de et al. *Violão de rua*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- _____. *Poesia sobre poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *A poesia possível*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- _____. *O lado esquerdo do meu peito (Livro de aprendizagens)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- SCHULER, Donald. “A poesia de Affonso Romano de Sant’Anna”. IN: SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Os melhores poemas*. Sel. de Donald Schüler. São Paulo: Global, 1991.